

Discutindo o panorama da LGBTfobia sofrida por profissionais da educação mato-grossenses em ambientes escolares através da filosofia freiriana

Léo da Silva Floriano¹
Joéliton Benvinda de Lima²

Resumo:

No âmbito das possíveis discussões quanto a diversidade sexual no ambiente de trabalho, enquanto profissionais da educação – dando ênfase não apenas no campo docente/regente – este trabalho propõe apurar os preconceitos sofridos por educadores/técnicos administrativos/servidores do apoio escolar não heterossexuais (em escolas públicas e privadas), uma vez que tais práticas vão na contramão da filosofia freiriana, naquilo que se refere à educação moral (não discriminatória). Neste sentido, projeta-se, a partir das técnicas de estudo de caso, indagar, dispondo da revisão bibliográfica nos ramos da psicologia, do acompanhamento e discursos de professores/servidores que destoam do universo heterocêntrico, apresentando as vivências e experiências que estes narram. Por fim, anseia-se, a partir da elaboração de minicursos voltados à gestão escolar, melhorar o ambiente de trabalho destes profissionais, uma vez que, enquanto participantes ativos na construção do futuro dos alunos, nesses lugares, a temática deve ser desmitificada.

Palavras-chaves: LGBTfobia, Educação, Paulo Freire.

1- Introdução:

De acordo com Alves e Galeão-Silva (2004), os ambientes de trabalho tornaram-se espaços cada vez mais heterogêneos, onde convivem sujeitos com características únicas, sejam essas quanto ao sexo, às etnias, às religiões e às orientações sexuais. E, em se tratando do ambiente escolar, tais características também são únicas, independentemente das funções por eles exercidas.

E ainda, a partir de Irigaray (2006), as novas realidades no âmbito profissional, compeliu os gestores a necessidade para elaboração de estratégias que permitam harmonizar a justiça social com os desafios de conviver com identidades sociais distintas.

Nesse âmbito, é notório que enquanto minorias, os sujeitos LGBT são alvos de atitudes discriminatórias no decorrer da história e, inclusive, foram punidos de diversas formas, podendo citar o confinamento em prisões/campos de concentrações, a castração e torturas, conforme nos traz Adam, (1987). Por conseguinte, naquilo que se compete ao mercado de trabalho, ainda de acordo com Irigaray (2008), os sujeitos homo e bissexuais masculinos, quando comparados aos

¹ Mestrando pelo Curso de Pós Graduação em Ensino do IFMT – Campus Cuiabá – Octayde Jorge da Silva
leo.floriano61@gmail.com

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR,
joelitonnlma@hotmail.com

heterossexuais com as mesmas características (graduação e pós-graduações, experiências e região de residência), relatam salários inferiores, sem contar as probabilidades de agressões (sejam verbais ou físicas) no ambiente de trabalho, demissões e também a não contratação dos mesmos.

Por outro lado, enquanto profissionais da educação, possuímos ideias e corresponsabilidades para com a educação – uma vez que nos cenários da educação, além dos docentes em exercício, incluem-se: alunos e seus responsáveis, diretores e prestadores de serviços. Para tanto, dispõe-se das palavras de Chassot (2014), ao trabalhar as responsabilidades dos professores de Ciências:

A nossa responsabilidade maior no ensinar Ciências é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos, em homens e mulheres mais críticos. Sonhamos que, com o nosso fazer educação, os estudantes possam tornar-se agentes de transformações – para melhor – do mundo em que vivemos... (2014, p. 55).

E ainda, de acordo com Freire (1996), a pedagogia da autonomia é aquela onde há espaço para a educação moral, ou seja, sem discriminações (quanto à raça, etnia, religião e gênero), em todas as relações no ambiente escolar, conforme relata o trecho a seguir deste pensador:

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (1996, p. 25).

Em síntese, ao constatar que a sexualidade delimita privilégios, espaços sociais e profissionais, inclusive nos cenários escolares (na contramão dos pensamentos de Paulo Freire quanto à “Pedagogia da Autonomia”), este trabalho objetiva-se em questionar os obstáculos e preconceitos enfrentados por educadores/técnicos de apoio educacionais não heterocêntricos, aspirando-se aos questionamentos da seguinte problemática: Como e por que a orientação sexual (e a LGBTfobia internalizada) são desafios para os funcionários dos cenários educacionais?

Para tanto, estrutura-se este trabalho em seções, incluindo esta introdução. Em diante, debater-se-á as justificativas e objetivos do mesmo, apresentar-se-á a revisão da literatura sobre a temática, descrever-se-á as metodologias utilizadas; discorrer-se-á quanto os dados e resultados da pesquisa, apontando as possíveis reflexões e, por último, as referências bibliográficas.

2- Objetivos:

Geral: Entender e confrontar, a partir da filosofia freiriana (na obra: “Pedagogia da autonomia”), a LGBTfobia sofrida por profissionais da educação mato-grossenses durante os

anos de 2018 e 2019. **Específicos:** 1) Revisar e explorar, através da pesquisa bibliográfica, as literaturas quanto os assuntos que serão discutidos, nos âmbitos da psicologia, pedagogia e da área de ensino de Ciências. 2) Aprofundar nas relações das sexualidades dos profissionais em questão para com o ambiente escolar (colegas de profissão), através de discursos, conforme traz Clandinin e Connelly (2011). 3) Realizar, após a entrevista, um panorama da questão LGBTfobia para com os profissionais da educação.

3- Revisão de Literatura:

3.1 – do entendimento da LGBTfobia extrínseca e intrínseca:

A partir dos estudos de Lopes (2002) e Silva (2007), no decorrer da história humana, as sexualidades não heterocêntricas (ou seja, a homo, bi e transexualidade) foram enxergadas como crimes, pecados e patologias (a ponto de submeter tratamentos reversíveis) seja pelo Estado, pelo Catolicismo e inclusive pela Ciência – uma vez que ela “é masculina, sim senhora!” (Chassot, 2013). Por conseguinte, atitudes de repulsa pelas sexualidades não heterocêntricas e o desejo consciente de puni-las (ou revertê-las) é o que denominamos por LGBTfobia (Weinberg, 1972). E ainda, em se tratando de tal fobia, entendemos que a mesma pode ser dividida em dois tipos: A LGBTfobia intrínseca (interna) e extrínseca (externa).

Naquilo que se refere à LGBTfobia intrínseca, ou ainda, a fobia incrustada, na qual se diz respeito à própria aceitação e adoção (seja inconscientemente ou não), de sentimentos, ideias e atitudes, segundo Burns (1995) e Nungesser (1983), os próprios indivíduos alguma vez durante suas vidas já compartilham destes sentimentos por autoafirmação, medo de serem “tirados do armário” (gíria utilizada, referindo-se ao assumir-se não heterossexual) e, inclusive, pela dificuldade em lidarem com sua própria orientação sexual.

Já, em se tratando da LGBTfobia extrínseca, pauta-se na heteronormatividade, ou seja, na crença que a orientação heterossexual possui superioridade frente às demais e na conseqüentemente, indivíduos não-heterossexuais sofrem exclusões (propositais ou não) nas políticas públicas e organizacionais, nos eventos e/ou atividades. De acordo com Gutkoski (2006), a heteronormatividade é capaz de estigmatizar, de negar e de denigrir toda e qualquer manifestação cultural não-heterossexual, desde a realização de casamentos civis, religiosos até a própria demonstração de afeto na mídia no horário nobre.

E de fato, a homofobia externa é percebida na sociedade em geral, no desconforto com a presença e manifestação de qualquer sentimento não heterossexual, como um abraço num restaurante, dentro de um shopping center, ou em comentários em fotos nas redes sociais. Conforme nos trazem Herek (1995) e Sears (2007), a homofobia extrínseca é capaz de explicar

alguns comportamentos pelos indivíduos heterossexuais, conforme relataremos a seguir: A quase total exclusão de *gays* e lésbicas da mídia, dos anúncios; Construção da masculinidade na infância, internalizando a LGBTfobia; Fixação da LGBTfobia em letras de músicas, em peças de teatros e filmes; Banalização dos indivíduos não heteronormativos: Todos os indivíduos não heterossexuais são fúteis, e portanto, não “merecem” o casamento e adoção de crianças; Preconceitos quanto ao vírus da imunodeficiência humana adquirida (HIV) e a Síndrome da imunodeficiência humana adquirida (AIDS), relacionando-os como a “doença dos gays”, ou castigo divino.

3.2 – Do ambiente de trabalho:

De acordo com Irigaray e Freitas (2013), a heterogeneidade nos ambientes laborais não se constituem em desafios apenas para os indivíduos que ali trabalham, mas para as organizações dessas também. Segundo os mesmos, a diversidade da mão-de-obra e a criatividade dos empregados são diretamente proporcionais, contribuindo para a melhorias das empresas, naquilo que se refere à flexibilidade, agilidade e troca de informações entre os integrantes da firma.

Embora os autores considerem que a orientação sexual seja apenas um dos múltiplos traços da personalidade de um indivíduo, essa é vital para com o modo de se perceber/ser percebido pelos indivíduos. A identidade e identificação implica na admissão onde indivíduos interagem com base no protótipo grupal (na maioria) e não apenas em características pessoais (minorias). Estes, por sua vez, geralmente são frutos de estereótipos preconceituosos; contudo, em se tratando de políticas de diversidades, as pessoas são mais propensas a aceitar as diferenças étnicas, sociais e de gênero; mas apresentam resistência à diversidade de orientações sexuais, devido aos contextos históricos/sociais, conforme apresentado anteriormente.

Portanto, a partir dos ditados valores heterocêntricos na sociedade brasileira, ser identificado como um indivíduo LGBT no ambiente de trabalho pode comprometer a ascensão profissional de um indivíduo, inclusive, pela dificuldade em elaborar uma rede de contatos, conforme nos relata Irigaray (2008). Segundo o mesmo, ser estigmatizado fora do meio heteronormativo também acarreta em custos psicossociais e sofrimento no ambiente de trabalho, além das perdas financeiras.

Portanto, de acordo com Irigaray e Freitas (2013), no ambiente de trabalho, há uma certa tendência entre os indivíduos LGBT em evitar revelar suas identidades sexuais, devido às possíveis pressões sociais, traumas e experiências que já os prejudicaram profissionalmente anteriormente.

E por fim, conforme nos retratam os autores, dentre as pessoas não heterocêntricas, estes assumem algumas posturas e estratégias, que será retratado no quadro a seguir (quadro 01):

| Posturas | Descrição |
|--------------------------------------|--|
| Parcialmente Assumidos/Não assumidos | Evitar o assunto no ambiente de trabalho: Alguns dos indivíduos LGBT relatam não conversar sobre o assunto. Evidenciam uma sensação de rejeição por parte da sociedade e indignação quanto à orientação sexual. Constante estado de vigilância e o medo de serem arrancados do armário resultam numa intensa sobrecarga psíquica que pode apresentar sintomas físicos. |
| Não Assumidos | Simular estar num relacionamento heterossexual: A maioria dos indivíduos LGBT relatam inclusive um casamento heterossexual ou tentam se encaixar no meio. Eles levam verdadeiramente uma vida dupla, constantemente, contam piadas sexistas e homofóbicas. |
| Abertamente Assumidos | Abrir a sexualidade no ambiente de trabalho: Raramente, os indivíduos LGBT relatam conversar abertamente sobre o assunto. Apesar de se sentir confortável com sua orientação sexual, demonstram desconforto em incorporar o parceiro à vida organizacional, já que, mesmo em empresas que afirmam adotar políticas de diversidade, há resistência a novos arranjos familiares. |

Quadro 01 – descrição das posturas tomadas por indivíduos LGBT em ambientes de trabalho.

3.3 – Do embate: Método tradicional x Freiriano:

Conforme relata Fernandes (2017), a educação é vista como um conjunto de regras e valores que o homem exerce sobre outro homem, ao retratar os estudos de Durkheim. De acordo com a autora, uma visão mais antiga – e inadequada – da educação pode ser resumida nas influências que os adultos exercem sobre os jovens, ou seja, no modelo tradicional (educação bancária), ou “transmissão de conhecimentos adquiridos e aceitos socialmente que devem ser reproduzidos.” Entretanto, a autora, ao citar Paulo Freire (1996), retrata a pedagogia da autonomia e a a pedagogia do oprimido, onde, de acordo com o pensador, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Por conseguinte, de acordo com os estudos de Freire (1996), é vital o conhecimento e consideração às individualidades dos aprendizes em vários aspectos, seja social, étnico racial, de gênero e sexualidade. Por conseguinte, Fernandes (2017) discorre quanto aos obstáculos e desafios que tais aspectos abordados por Paulo Freire sofrem, em se tratando de instituições escolares, ao citar Louro (1997).

As instituições escolares fabricam os sujeitos que a frequentam, ou seja, elas são produzidas por eles e pelas representações de gênero que nelas circulam. Assim, nestas instituições pode haver a produção de diferenças e desigualdades destes indivíduos, e também a informação, do que cada um/a pode ou não fazer e do lugar que meninos e meninas devam ocupar (LOURO, 1997). P. 02.

Segundo a autora, mesmo que o trabalho quanto à Educação Sexual provoque iniciativas emancipatórias, ainda existem obstáculos e desafios que impedem sua plena realização, podendo citar: A escassez da discussão da sexualidade relacionada com o contexto social, o enfoque unicamente nas questões biológicas (nos cromossomos XX e XY, por exemplo), e inclusive a falta de formação dos profissionais da educação para trabalharem com a temática.

Portanto, para Fernandes (2017), as discussões dessa temática encontram-se marginalizadas no currículo escolar, seja em relação aos estudantes, ou em relação os profissionais da educação. Por conseguinte, a autora sugere, ao citar Freire, Haddad e Ribeiro (2007) à construção de políticas públicas de educação em gênero e diversidade, reconhecendo necessidade de transformação das práticas e das mentalidades dos profissionais da educação, uma vez que estes podem (re)produzir preconceitos, discriminações, marginalizações e exclusões, naquilo que se refere à orientação sexual, indo na contramão dos pensamentos de Paulo Freire, em suas obras.

Em resumo, conclui-se, de acordo com a autora que é preciso compreensões quanto às sexualidades, isto é, essas são partes integrantes e indissociáveis dos indivíduos – portanto, não implicam necessariamente em seus aspectos reprodutivos. Por fim, entende-se que valores sexuais e estilos de vida podem ser vivenciados de diferentes modos e que numa sociedade, a diversidade de valores e crenças deve ser encarado como um fato natural e, que para tais aspectos ocorram, é necessário a transformação no ambiente escolar.

4- Metodologia:

A abordagem metodológica da pesquisa, de caráter qualitativo, consiste nas seguintes etapas: Revisão bibliográfica sobre as temáticas (do entendimento da LGBTfobia extrínseca e intrínseca; Do ambiente de trabalho; Do embate: Método tradicional x Freiriano); a pesquisa-ação (através do acompanhamento e conversas informais desses profissionais da educação), conforme trazem Barbier (2007) e Thiollent (2009), na qual a compreensão e/ou explicação de práxis dos grupos sociais são realizadas pelos próprios; optar-se-ão como instrumento de pesquisa, realizações de narrativas – de acordo com Clandinin e Connelly (2011), com os profissionais da educação (que não serão identificados) e a interpretação dos discursos, realizando, posteriormente, um panorama visando às possíveis melhorias no ambiente escolar.

Por conseguinte, a pesquisa apresentou riscos, uma vez que os sujeitos pesquisados são minorias no universo pesquisado e alguns possam sentir-se desconfortáveis para discorrer sobre a temática. Para tanto, os sujeitos de pesquisa são colegas de profissão dos autores deste

trabalho, assinaram termos de livre esclarecido para com os autores, cientes que seus nomes não seriam divulgados e que este trabalho possui apenas fins acadêmicos.

5. Resultados e Discussão:

A partir das entrevistas dos sujeitos e da transposição dos áudios dos mesmos, com intuito de ocultar os sujeitos de pesquisa, os nomearemos como: Milk, Mercury e Foster (sobrenomes de personalidades LGBT reconhecidos na atualidade). As perguntas realizadas foram as seguintes: 1) Qual o seu entendimento de educação libertadora? Você concorda com ela? O seu local de trabalho está adepto à filosofia freiriana? 2) Quanto às suas (in)seguranças para com a atuação em sala de aula? Já passou por constrangimentos ou por experiências ruins enquanto profissional da educação? Se sim, gostaria de comentá-las? 3) Você acredita que para os profissionais LGBT na educação, os desafios são maiores? Se sim, porque? 4) Quais são as suas expectativas para com o enfrentamento da LGBTfobia enquanto profissional da educação?

5-1: Sujeito 1: Milk

Inicialmente, o sujeito Milk é professor em redes particulares de ensino, atua na regência há quatro anos, trabalhando anteriormente como professor contratado da rede estadual de ensino do estado de Mato Grosso. Mora com o seu parceiro há pelo menos dois anos, que está cursando o ensino superior.

Acerca da primeira pergunta, naquilo que se refere ao seu entendimento de educação libertadora e a filosofia freiriana, Milk descreveu que há tempos não estudava as questões da área de ensino e que o mesmo não se sentia confortável ao discutir tais questões, embora se lembrasse dos ensinamentos que Paulo Freire nos trazia, como a construção (ao invés da transmissão) de conhecimentos e respeitar as realidades que os alunos possuem. No intuito de discorrer sobre sua resposta, julga-se interessante que, embora Milk relatou não sentir-se confortável ao conversar sobre a filosofia freiriana, devido a não proximidade dele para com a área de ensino, o mesmo discorre sobre de maneira precisa e objetiva, fato que nos chamou a atenção, uma vez que o mesmo reconhecia a importância deste pensador na área de ensino e educação.

Naquilo que se refere à segunda questão, sobre as suas (in)seguranças sala de aula, buscando entender as questões abordadas na fundamentação teórica, isto é, quanto à LGBTfobia intrínseca e extrínseca, o mesmo relatou que no início da profissão docente, alguns alunos faziam “piadinhas” quanto à postura do mesmo, onde o mesmo relata uma experiência que vivenciou em 2014, quando lecionava para uma turma de terceiro ano do ensino médio, no

período noturno de uma escola pública da cidade. De acordo com Milk, alguns alunos questionavam a sua sexualidade, mas estes nunca foram abusivos ou invasivos, respeitando a sua postura como professor em sala de aula. Conforme ele mesmo nos relatou, ele ainda rebatia a fala desses alunos, com a seguinte frase: “Cada um pensa e faz o que gosta, e tá tudo bem?”. Por diante, Milk relata que, para os alunos, ele nunca falou abertamente da sua sexualidade para os alunos, mas para os colegas de profissão, ele relata que conversa abertamente, uma vez que este julga que os alunos da faixa etária de 15 a 18 anos, ainda não entendem completamente as questões de gênero e sexualidade.

Adiante, quanto à terceira pergunta, acerca de preconceitos sofridos pelo mesmo pelos colegas de profissão, o mesmo relata que nunca sofreu algum preconceito durante os anos que lecionou na educação pública. Entretanto, quando tentou o emprego na rede privada de ensino, o mesmo foi orientado por colegas de profissão que evitasse demonstrar “aquele jeitinho”, conforme o mesmo nos relatou. E quando perguntado pelos contratantes, o mesmo negou a sua sexualidade, com receio de que perdesse a vaga de emprego. E ainda, nos trouxe dados relevantes: Segundo Milk, as escolas particulares veem os alunos como clientes e nunca “pega bem” um professor que se relaciona sexualmente com alguém do mesmo sexo, diminui a credibilidade da escola, tanto que o mesmo não conhecia nenhum gay ou transexual nessas redes, mesmo que sejam competentes para lecionar.

Por conseguinte, quanto à pergunta sobre suas expectativas para com o universo escolar, o mesmo relata que sente melhorias nas escolas públicas do estado, tanto que, de acordo com o mesmo, no último concurso, ele observou maior respeito com as pessoas trans, onde era possível aderir ao nome social, desde que a pessoa conseguisse ingressar no serviço público. O mesmo conhecia poucos colegas LGBT na profissão e relata que a rede privada de ensino é mais conservadora, ainda adere à transmissão de conhecimentos, inclusive nos comerciais, pois essas escolas focam-se em resultados e não na preparação para a vida adulta.

Por fim, Milk retrata que os sujeitos LGBT na rede privada de ensino perdem espaço para os heterocêntricos, devido às características conservadoras predominantes nas escolas onde este atua, tanto que, o mesmo só abre-se para alguns dos colegas (nem todos) e já ouviu algumas piadinhas de mal gosto por parte de colegas mais antigos de profissão. O sujeito ainda relatou que sua vida particular é privada desses profissionais e dos alunos, o mesmo não gosta de adicioná-los em suas redes sociais e evita postar fotos do seu marido.

Entedemos, a partir do que Milk nos retrata, que a educação na rede privada possui caráter mais conservador e evita abordar esses assuntos para os alunos. De acordo com o mesmo ainda, alunos LGBT não são silenciados na escola, estas se abriram muito durante os últimos

anos, no sentido de respeitar as diversidades dos alunos. Entretanto, as mesmas preferem profissionais heterocêntricos, pois acreditam que os sujeitos LGBT não são sérios o suficiente para a profissão – remetendo às características apresentadas no quadro 1.

6.2 – Sujeita Foster:

A sujeita Foster é uma professora da rede estadual de ensino, entretanto já trabalhou na rede privada, em universidades e nos campi do instituto federal de educação do estado. A mesma mora com a sua parceira também há dois anos, relata que já relacionou anteriormente com homens. Foster possui pós-graduação (mestrado) e defende o pensamento de Paulo Freire em seus discursos.

Para a primeira pergunta, Foster cita que Freire foi um dos principais pensadores que a influenciaram durante a sua graduação e pós-graduação. Segundo a mesma, Paulo Freire é importante, ainda mais nos dias de hoje, onde projetos como a “Escola sem partido” são discutidos a nível de congresso nacional. Foster ainda nos cita alguma de suas frases que as utilizou no seu projeto de dissertação.

Por conseguinte, referindo-se às suas (in)seguranças e experiências em sala de aula, a mesma relata que, durante os seus 10 anos de atuação, nunca passou por constrangimentos em sala de aula, talvez por ser mulher, e ter um pouco mais de respeito. De acordo com a mesma, os sujeitos masculinos e homossexuais tendem a sofrerem maior preconceitos, seja na vida profissionais e pessoal. Foster ainda nos relata que nenhum aluno a questionou quanto à sua sexualidade.

Em relação à terceira pergunta (dos preconceitos), Foster nos relata que sempre rebateu colegas que se intrometiam em sua vida pessoal, pois, de acordo com a mesma, ela superou desafios para alcançar o status que estava e não merecia ouvir calada algumas brincadeirinhas, do tipo: “As unhas estão bem cortadas, né colega?”

De acordo com Foster, as escolas da rede privada de ensino no estado são em sua maioria, escolas religiosas (adventistas, salesianas e presbiterianas) e portanto, as mesmas pregam que a não heteronormatividade é pecadora, não abrindo espaço inclusive para os alunos LGBT da escola. Por diante, segundo a mesma, é “normal” (aqui colocando bem entre aspas, conforme a mesma) que não contratam professores LGBT, rindo ao dizer que quem perde são eles.

Foster ainda relata que possui boas relações sociais na escola que atua, para com os colegas de profissão/alunos, relatando inclusive um caso onde ouviu uma aluna que estava em dúvidas quanto à sua sexualidade, aconselhando a mesma de que era tão normal quanto os

processos de mitose e meiose. Naquilo que se refere às expectativas para com o futuro na profissão, a mesma relata que vai demorar um certo tempo para que as escolas sejam mais tolerantes e abertas a estes profissionais, mas está contente pelo que alcançou e espera que mais profissionais LGBT atuem na área, uma vez que, de acordo com a mesma: “Homofóbicos não passarão!”

6.3 – Sujeito Mercury:

Sujeito Mercury é professor interino na rede estadual de educação do estado. Nunca trabalhou na rede privada. Atua na área há apenas um ano e deseja realizar trabalhos nas questões de gênero e masculinidade. De acordo com Mercury, quando perguntado sobre a filosofia freiriana, o mesmo relata que essa é importante, mas não deve ser o único foco para discutir as questões de diversidade no universo escolar. O sujeito remete à Foucault (discorrendo sobre o biopoder e ética) e Kuhn (retratando as questões de paradigmas e suas revoluções). Segundo o mesmo, Freire é um pensador importante para a área, mas devemos observar outros pontos de vista, se realmente quisermos discutir diversidades (sejam étnicos, sexuais, políticos, etc) no universo escolar.

Referindo-se à segunda pergunta, Mercury remete que precisou se impor quanto às suas (in)seguranças. De acordo com o mesmo, ele não possui barba, ou cabelo curto e gosta de utilizar maquiagem. Segundo o pesquisado, ele não é um sujeito heteronormativo e se orgulha de quebrar os estereótipos da masculinidade. Conforme Mercury nos disse, ele precisou quebrar preconceitos internos, para em seguida, tentar quebrar os paradigmas externos que alguns alunos possuíam (aqui remetendo a teoria de Kuhn e Foucault, de acordo com o sujeito). Portanto, já passou por momentos constrangedores, no qual o mesmo relata que um aluno do terceiro ano da rede pública, do período noturno, chegou a insinuar que se houvesse relações sexuais entre eles, as questões das suas notas e faltas estariam resolvidas. Mercury, por conseguinte, ainda retrata que para os sujeitos não heterocêntricos do sexo masculino, a situação é mais desafiadora, uma vez que precisa romper vários paradigmas.

Naquilo que se refere à terceira pergunta, quanto aos preconceitos, o mesmo retrata que, nunca passou por constrangimentos por colegas de trabalho. Mercury relata que sua sexualidade é bem aberta para os colegas de profissão e os alunos sabem o que precisam saber sobre a sua personalidade. Ainda, o sujeito relata que sua disciplina é vital para o rompimento dos discursos LGBTfóbicos e que se sente abraçado na profissão que escolheu. De acordo com o mesmo, pretende fazer cursos de pós-graduação na área e discutir as questões de gênero em sua disciplina.

Referindo-se à quarta pergunta, o mesmo nos discorre sobre os desafios que passou durante o seu ensino fundamental e médio, durante o cursinho pré-vestibular e as novas realidades. De acordo com Mercury, a escola está em mudança, aderindo-se às diversidades que os alunos (e funcionários) possuem, quando o mesmo compara o que vivenciou enquanto aluno (em 2009) e professor (2019). E ainda, segundo Mercury, o pesquisado acredita que em 2029 as realidades no universo escolar serão outras, diga-se melhores, de acordo com o mesmo.

6.5 – Algumas considerações:

Após entrevistar os sujeitos, é notável que a escola esteja em constante mudança, no intuito de aderir e respeitar as novas diversidades, seja para com os alunos LGBT ou para os profissionais que destoam da heteronormatividade. Acredita-se, após as entrevistas que o panoramas acerca da temática tendem a melhorar, conforme nos trazem os sujeitos Mercury e Milk, quando comparam a educação enquanto estudantes e profissionais da educação.

Entretanto, nos é visível também duas realidades para a mesma questão. Enquanto a rede pública adere profissionais LGBT no mercado (seja através de concursos ou contratos), conforme nos relatou Milk, através da inclusão das pessoas trans, a rede particular de ensino de Mato Grosso parece que ainda está presa à educação tradicional, à educação bancária, à transmissão de conhecimentos e pouco está aberta a receber profissionais não heterocêntricos, embora os mesmos sejam competentes.

Conforme nos traz as entrevistas, grande parte das redes particulares de ensino de Mato Grosso estão vinculadas às instituições religiosas, tendendo às características conservadoras em tais quesitos.

Para tanto, os profissionais que ali atuam seguem algumas condutas, como retratado com o sujeito Milk, que evita conversar com profissionais LGBTfóbicos e Foster, que defronta os comentários que certos colegas de profissão a fizeram.

Por fim, acredita-se que, para que ocorram mudanças mais significativas no panorama da educação (em ambos os níveis: privado/público), é necessário trabalhar as questões de gênero em sala de aula, uma vez que as crianças e adolescentes que hoje estão em sala, possam ser profissionais que respeitem e acrescentem indivíduos não heterocentricos na sociedade em que viverão, sejam no universo escolar – ou não.

.

7- Referências Bibliográficas:

ADAM, Barry. (1987). The rise of a gay and lesbian movement. Boston: Twayne.

- ALVES, Mário Aquino., & Galeão-Silva, Luis. (2004). A Crítica da Gestão da Diversidade nas Organizações. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 21,18-25.
- BARBIER, René. A pesquisa-ação. Liber livros: Brasília, 2007.
- BURNS, Barbara (1995). Internalized homophobia, Self-Esteem, and the Mothering Choice of Lesbians. Tese de doutorado, Programa de Psicologia. Georgia State University.
- CHASSOT, Attico. A ciência é masculina? É, sim senhora! 6ª ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013, 136p.
- CHASSOT, Attico I. Pra que(m) é útil o ensino? 3º Edição – Editora UNIJUÍ, 2014.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FERNANDES, Maria da S.T. Educação, sexualidade e gênero: qual o olhar perceptivo da escola municipal joaquim dias guimarães, sobre seus alunos? Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 3070-3086, 2017.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUTKOSKI, Carlos. (2006). Entre tapas e beijos, a novela das oito pauta o debate. Em *Arquipélago: revista de livros e idéias*, 7. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro.
- HEREK, Gregory. The Context of Anti-Gay Violence: Notes on Cultural and Psychological Heterosexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 5(3),316-333. 1990.
- IRIGARAY, Helio A. Prejudice against lesbians, gays, and bisexual employees and its impacts on their health and well being. Em *Anais 26th International Congress of Applied Psychology*. Atenas, Grécia. 2006
- IRIGARAY, Helio A., FREITAS, Maria E. Estratégia de Sobrevivência dos Gays no Ambiente de Trabalho. *Rev. psicol. polít.* vol.13 no.26 São Paulo abr. 2013.
- LOPES, Denilson. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2002.
- NUNGESSER, Lon. *Homosexual Acts, Actors, and Identities*. New York: Praeger. 1983
- SILVA, Alessandro Soares da. As Cores Memoriais (e Distorcidas) da (In)Diferença: com que cores se colorem o passado no tempo presente da Homofobia. *Bagoas Revista de Estudos Gays*, (1)1, jul./dez. pp. 167-92. Acessado em: 12 de novembro de 2011, de: <<http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/alessandro.pdf>> 2007
- SEARS, James. *Thinking Critically / Intervening Effectively About Heterosexism and Homophobia: A Twenty-Five Year Research Perspective*. Em James Sears., & Walter Williams. (Eds.), *Overcoming Heterosexism and Homophobia*. New York: Columbia University Press. 2007
- SIQUEIRA, Marcus Vinícius., Ferreira, Renata., & Zauli-Fellows, Amanda. Gays no ambiente de trabalho: uma agenda de pesquisa. Em *Anais XXX ENANPAD*, Salvador, Bahia. 2006
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2009.
- WEINBERG, George. *Society and the Healthy Homosexual*. New York: St. Martins. 1972